

miau!

Porto, 7 de Abril de 1918

Redacção e Administração:

Rua Sá da Bandeira, 136-2.º — Telefone 1055.

PROPRIEDADE DA EMPRESA

MIAU!

EDITOR: Mario d'Oliveira

Composição e impressão: LITOGRAFIA NACIONAL
Rua de Malherendas, 20—Porto.



Levei a vida a folgar
Ferido á banza o bordão;
Conto morrer a cantar
Sobre este casco alemião...

Eu levo a vida cantando
E o fadinho a dedilhar:
Sobre este casco rufando
Mais viverei a cantar...

Quem canta seu mal espanta
Diz o rifão popular:
N'esta attitude que encanta
Continuarei a cantar...

Desenho de Leal da Câmara

miau!

Varanda de Pilatos

Chroniqueta alfacinha

A capital de Portugal não é Lisboa, é Babilônia. Sim, senhores, é Babilônia, da mesma maneira que a capital de todas as Russias, S. Petersburgo ainda hontem, é Petrogrado hoje, e que a Porcalhota de nossos pais é a Amadora de nossos dias. Acima dos Strabões e dos Andress está o imperativo de circunstancias que nada têm que ver com a geografia. Questão nominal dir-se-ha. E que é todo senão gôra? O habito fez, faz e fará o monge.

Eu vos digo, regradas habitantes da Invieta, que vos detais ainda á hora do *sno de correr*, porque a cabeça da nação é Babilônia. Ha aqui um maxim's... O maxim's é uma coisa do outro mundo, o pelo meno dum mundo que não é o vosso, que veio de Paris, como tudo o que é diabólico e que tem os pés para a cabeça e a cabeça para os pés. Fugiu da guerra, ou transtramou-o os coiteiros na equipagem? Não sei, está ali.

O maxim's não é do puro *montmartrês*, é mais Placé Vendôme, mais realengo, mais marialta, menos bohemnia barata. Mas com isto não é menca *bolte*. Uma *bolte*, em boa giria, é realmente uma caixa, uma boceta de Pandora, cheia de todos os cascavéis do amor, de todas as folhas do entendimento, de todos os embustes da carne e de todos os inimigos do corpo e da alma, como poderia bradar num sermão o Padre Antonio Vieira. Em tanto que *bolte* compõe-se de quatro paredes, sem janelas, forrada de setim ou de veludo, e mais estreita que os chapins da princeza de Lamballe. Que tem dentro? Seis nús, rutilantes de joias, chapéus altos, ostras, champagne e Ingleses. Ha mesa, mas essa mal se descobrem sob as sedas; ha uma alcantifa, mas essa mal se lobriga sob os pés que volteiam; ha lá tziganos, mas o sentido da vista perde as suas casacas vermelhas e o arco nervoso das tabeças para seguir as imagens lubricas, que a musica põe a cabrazar, *c'est la Houisse-bouise!* tam reaes e perfeitas como as voluptuosidades que ornarn a pança dum vaso de Lisboa.

Em summa, uma *bolte* é um cabos: não tem espaço; não tem ar; mas tem nuvens de pó de arroz e incendios de luz electrica. Lá não se é polido, conforme a pragmatica; é-se civiladamente malcriado. Um eteb, anglo-saxão, talvez po-

na os pés sobre a mesa; é preciso celebrar-lhe o espirito. Lá não se busca a comodidade; logicamente se acomoda um homem contra a anca duma cocotte, e o joelho dum velho satiro. Pois não é uma caixa um recipiente, onde, cispada a tampa, tudo se encavaleira, tudo se envolve, e todo o relativo desaparece?

Se odiás os galicizmos, chama-se-lho caldeirão de Pero Botelho, fabricado por um diabo que se formou na Universidade

de Harvard, onde se vos pisam os calos, se vos amolga o juizo, se vos assam os nervos e se vos derrete os côdres. Sobre este particular, conta que não saireis de lá por menos de quatro moedas; quatro moedas, o preço duma vaquinha nos tempos do Hino da Carta.

Ora não será isto Babilônia? Em virtude, pois, da acção que o fermento exerce sobre a massa e o exerto sobre a arvore, Lisboa é Babilônia. Aqui

o fermento é o Palacio Foz, a massa toda essa cidade, que vai do Martinho as Côrtes. O Martinho fecha e passa para ali; S. Bento fecha e transplanta-se para ali. E aquilo dars até que os galos enrouquem a cantarolar na Praça da Figueira.

Parguntareis, agora, portuenses intermatos:

— E tambem ha nesse maxin's do Palacio Foz, dessas loraças dum castelo que *insampam* um santo?
— E de verdade, vos digo:
— Não ha lá umas espanholas ainda semi-virgins e dmas belgas, fugidas á guerra, que ainda não sabem *distier* o olho.

— E o tal encavaleiramento?
— Tambem não. A sala é grande e fria e vazia como o Terreiro do Paço.
— E, indo pelo baratinho, escarram-se ali quatro moedas?

— Podeis tomar um bock de tres vintenos, simplesmente um copo d'agua.
— E ha lá tapuis? Ingleses? milonarios?

— Podeis levar barba de tres dias, sem que vos tranquem a porta. Ha lá catinas, e, em abundancia, pais da patria. Mes não precisa de aprender a arte sumamente difficil de ser mal encaçado com tom. E de regra tirar lá o chapéu, a passaciar sollemnemente, pela sala, de mãos atraz das costas. Tambem se não dispõe lá de gabinetes reservados; ha, porem, a batota.

— E, perante isto, eu ouço:
— Se não ha encavaleiramento, se chegam dois patacos, se não é forçoso ser hiper-civilizado, se não se derrancam os nervos contra a péde das loraças, em que é maxim's, em que é Babilônia?!

Respondo:
— O pensamento é mais delictuoso que o acto. Orde, e impoltri comigo; não castigueis, Senhor, a Babilônia, e ainda hontem ajuzada capital da nossa rica terra, de Ulysses, das goloziás cispadas sobre o pecado, e de deputados de santosa memoria, a cheirar a ranstúhos! Não a castigueis, Senhor, porque veio o maxim's.

Aquilino Ribeiro.

O n.º 13 do MIAU! alem dos desenhos de *Christiano de Carvalho* e de *Leal da Camara* publicará um artigo intitulado *A Fome na Alemanha* illustrado por *Paul Tribe* e por um desenhador alemão do *Ull*. Tambem publicará um desenho em cores de *A. de Basto* e outros de *Nam* e de *Raemaekers* não esquecendo os versos do nosso colaborador *Acacio Trigueiro* e a cronica de *Julius*.

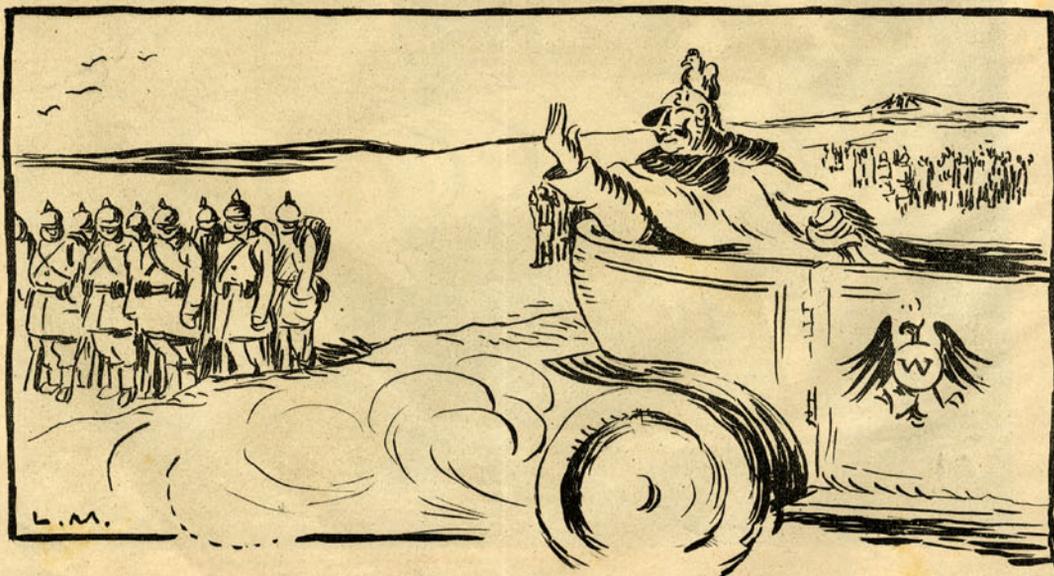
Os jornaes alemães dizem que se guerra com um pau pequeno como Portugal, lhes faz encotcher os hombrós.



O Zé: pois sim, será pequenino mas ainda por cá temos sete palmos de terra para enterrar o tal Kayser!... Desenho de Diogo de Macedo

A Revista Imperial!...

(—Merram mas façam parar o inimigo, disse o Kayser e depois, partiu em automovel... Os jornaes.)



O Kayser: adeus, meus amigos e quando morrerem, não esqueçam de gritar: Viva EU!...

Desenho de Lucien Métivet

Em Verdun



—Quantos mortos?
—250.000, Sire!
—Vistam-lhe uniformes francezes e comuniquem essas perdas inimigas... á agencia Wolf!

Desenho de Christiano de Carvalho

CAVALEIROS ANDANTES

O kaizer desdobra em Dom Quixote

Já se ouve ao longe o rufo dos tambores
E os graves sons do uarcial clarim.
Muitas bandeiras, fartas de labores,
Branças, azues, vermelhas, de mil cores,
Anunciando o cafreal festim.

Lança na mão, s rutilla armadura,
Masc'ra d'arame sobre o largo rosto,
Marcham guerreiros d'estranha estrutura,
Todos na frente, prelhos de bravura,
Tessos, erectos, firmes no seu posto.

Uns, de casaca; muitos, de jaleca,
Vejo sujeitos, cortezãos, matabos,
Tocando bombos, pratos e rabeca,
Far'cendo todos — isto só co'a broca! —
Um batalhão de trinta mil diabos!

Burros o vacas, patos e galinhas,
Carneiros, porcos, animaes d'estalo,
Cadelas, frangos, gatos e gatinhas,
Segueu, a passo, d'intenções maninhas...
Quia-os o kaizer sobre o seu cavalo...

—Pra onde irão? — pergunta a santa gente
Ao ver passar a doida caravana.

—Sobre Lisboa! — brada *in continenti*,
D'um modo rufo, arrebitadamente,
O kaizer, ancho, d'infernal catana.

—Sobre Lisboa?! — ficam a scismar
aquelas almas limpas de maldade.

—Olé se vamos! — eis torna a gritar
O tal maluco, sem se destribrar,
Mirando a tropa cheio de vaidade!

Vamos calcar a soma dos insultos
Que me dirige a malta que ai railta,
A corja vil dos tipos mais incultos
Que me tem dado *chegues* sempre estultos,
Como se eu fora Imperador em palha!...

Acacio Trigueiro.

O snr. ministro do interior, depois de ter feito um gentilissimo convite aos representantes da imprensa de Lisboa para lhes que o governo decidira levar ao parlamento uma proposta de lei, estabelecendo a censura prévia sobre todas as publicações periodicas.

N'esse projecto autorisa-se, todavia, a circulação dos jornaes com os espaços em branco nos pontos onde a censura for exercida, o que todos acharam bem. E a lei está em vigor.

Pudéral Com esta nova comodidade de a gente pôr em circulação uma gazeta com pletamente limpa de caracteres graficos, mas em que o leitor atilado se e descobre as revelações mais tetricas e inconvinientes desta vida. É realmente aquilo que ha muito nos tenta: sem escrever uma linha, sem esboçar sequer uma carizatura, serve-se o jornal ao publico nas

mesmíssimas condições em que nos é enviado pelo fornecedor do papel... e recebe-se o cobro dos compradores e dos assignantes, como se tivéramos um extenuante trabalho!

Pela parte que nos toca, somos a dizer a censura prévia não nos apanhará na rede, visto que o *Miau!* no mais simples gesto — ainda que seja o das *armas de S. Francisco* — será sempre executado de luva branca...

Sinthesel...



O sonho da Alemanha interpretado pelos pés!...

Desenho de Rame!

Estamos sa iminencia de ver suprimidos os comboios rapidos Lisboa-Porto, devido a circunstancias que a direcção da respectiva companhia aduz em sua defeza.

Achamos bem. Com os grandes exemplos de civilização destruidora que a Alemanha tem posto diante dos olhos de todo o mundo, aniquilando todas as vias ferreas e

outras vias de comunicação rural e suburbana de muitas localidades estrangeiras, parece-nos inutil estar pugnando dos taes comboios, precisamente n'uma occasião em que a cultura do kaizer promete vir por ai dentro e reduzir tudo a faticos...

Suprimindo-se os rapidos, poupa-se o material circulante, que custa rios de dinheiro, ao mesmo tempo que se poupa a vida dos passageiros e do competente pessoal que os conduz... ao outro mundo.

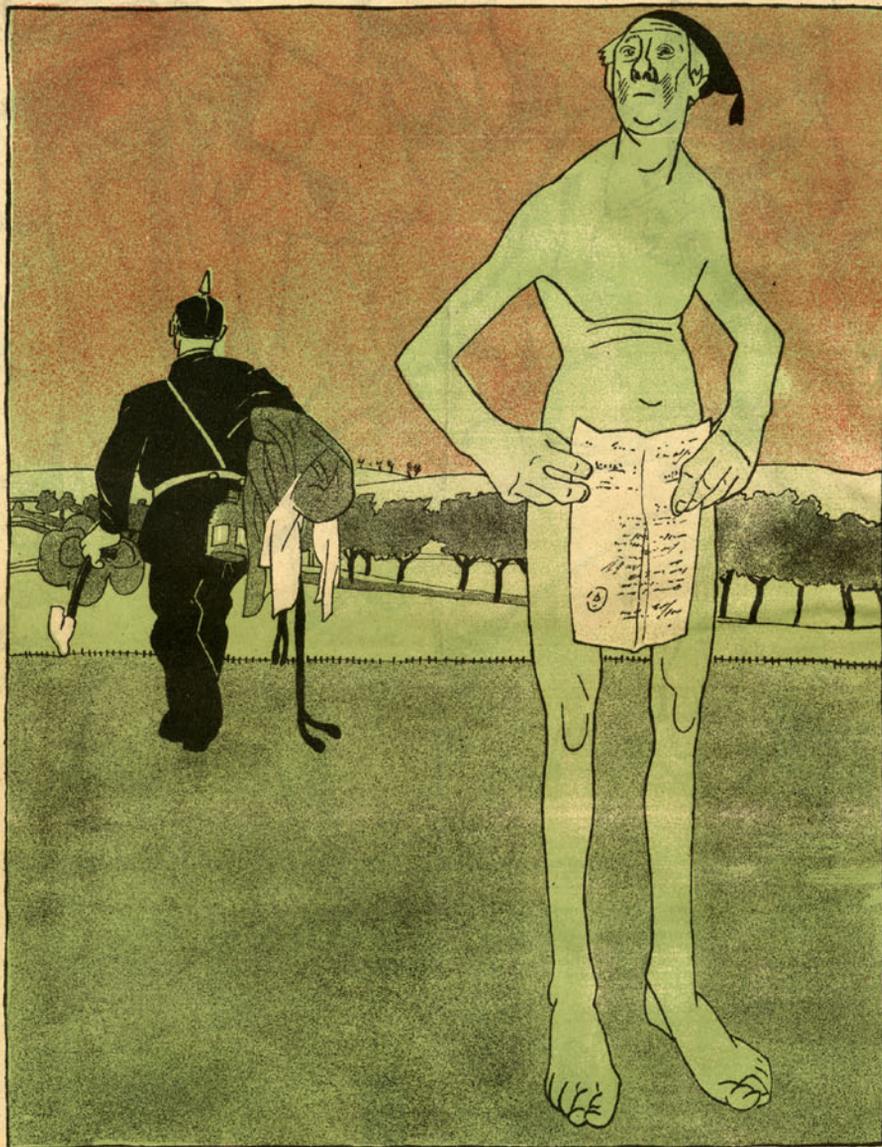
Será, afinal, a unica maneira mais pratica de regressarmos todos aos saudosos tempos do José do Telhado, da estafeta, do carroção e das liteiras — essas lindas e pitorescas coisas de que nos fala, nos seus romances, o imortal Camilo.



Avesso ás leis do Tiofilo,
Alpoim todo se aterra
E escreve como um zoofilo
Sobre os successos da guerra,
Qual figuró germanofilo.

Apague, amigo, essa *séte*
Que nutro p'los aliados,
Pois contas ninguém lhe pede.
Gaste o seu tempo e cuidados
Polando... as vinhas da Rede...

Compensação!...



O povo alemão: — levaram-me tudo, até a roupa e o cachimbo mas tenho a consolação de ficar vestido com a folha das contribuições!...

Desenho de Guilbransou



desenho que reproduzimos n'este numero do MIAU! é devido ao lapis de Guilbransou, um artista alemão do *Simplicissimus* que, apesar de alemão, continua a ser, para nós, um admiravel desenhador.

N'este jornal onde se faz gala de um grande patriotismo comprovado por alguma experiencia, não se tem duvida em reproduzir um desenho de um inimigo, tanto mais que esse desenho corresponde ás nossas ideias de critica.

O *pae Mitchel* que representa o Zé Povinho alemão está nú e só

resguardado pela folha de contribuição de guerra que lhe deixou o Kayser.

A roupa, as botas e o cachimbo, lá vão nos braços do militar e o pobre povo fica com o fato que Deus lhe deu a pensar quanto custa a gloria de ser kolossal!...

Não queremos ser máus com o desenhador Guilbransou que consideramos um bom artista mas que elle nos desculpe se lhe damos uma ideia que talvez complete o sentido do seu desenho:

—Ponha ao peito do *pae Mitchel* uma gloriosa cruz de ferro e estaremos de accordo...